

■ COMENTÁRIOS & PERSPECTIVAS

Eleição Presidencial

Desgastes generalizados na sucessão

Newton Rodrigues *

Em termos eleitorais diretos a novidade é o apoio do Partido Verde a Ciro Gomes, o que, se em termos de votos pode não lhe acrescentar muita coisa, tira-o do confinamento monopartidário em que se encontrava, desde seu lançamento pelo PPS, ex-PCB. Há a possibilidade de seu nome ser também apoiado pelo PL, ao qual Álvaro Valle tentou atrair Itamar Franco, a quem se mostrou disposto a apoiar. Nada disso altera o quadro geral e as possibilidades de um crescimento impetuoso do candidato permanecem escassas. Cabe-lhe o mérito de procurar vencer as limitações de siglas fracas com um roteiro de excursões para contato direto com o eleitorado, o que só está sendo feito também por Lula.

Entretanto a luta eleitoral está encruada nos setores oposicionistas, apesar da perda constante dos índices de Fernando Henrique Cardoso, fato agravado pelos aspectos fortemente negativos de sua recomposição ministerial, na qual conseguiu agastar lideranças de sua principal base de apoio parlamentar (o PFL) e desgostou o PTB, como se viu no episódio da saída de Arlindo Porto, da pasta da Agricultura. Há quase unanimidade nos comentaristas, mesmo aqueles mais chegados ao Planalto, na afirmativa de que a imagem presidencial saiu marcada de

inconfiabilidade depois que FHC rompeu o acordo de designar uma equipe técnica e entregou a seu correligionário José Serra a pasta da Saúde, após fritura pública do titular substituído, e a designação de novo ministro do Trabalho com o titular ainda ausente em missão no exterior.

Só Getúlio cometeu algo semelhante ao destituir Simões Filho, também em missão internacional, da pasta da Educação. Técnico mesmo apenas o novo ministro do Trabalho, escolhido depois que nenhum partido aceitou a prebenda. Há fissuras na base oficial — com declarações públicas de desacordo do pefelista Inocêncio Oliveira e do petebista Andrade Vieira,

mas o presidente da República, que conhece seus aliados, deve achar que os protestos não passam de chuvas de verão, embora no outono, e que o ímã do poder logo recuperará sua força habitual de atração.

Jogou-se um jogo fácil de perceber. O PSDB tem um projeto, já anunciado por Sérgio Motta, de permanecer no poder por mais de 20 anos, bem menos, convenhamos, dos mil anos de certo Adolfo, que acabaram em doze. Daí as cautelas com os pefelistas que não es-

condem os próprios objetivos, embora, nos dois casos, estejamos em face de devaneios pois, não há planos políticos duradouros no Brasil. Basta olhar alguns retrospetos: os vices Café Filho, Jango, Sarney e Itamar assumindo a Presidência da República, Collor vencendo e sendo expulso e Fernando Henrique galopando para o liberalismo.

De qualquer modo, a candidatura FHC permanece a mais forte, embora a vitória dependa muito da sua capacidade de obter maioria absoluta no primeiro turno, o que depende de variáveis não definidas. Afinal, quem imporá o placar será o eleitor, que tem dado exemplos de não seguir os caciques, mas que continua marginalizado pe-

lo partido geograficamente mais estruturado — o PMDB — e até por seu postulante a candidato, Itamar Franco. Não houve nesse acampamento o discernimento da diferença entre uma convenção partidária e uma eleição popular. Tampouco para compreender que o resultado da primeira dependeria da apresentação de propostas capazes de mobilizar vastos setores da população, pressionando os convencionais submetidos em tais circunstâncias a ameaça de derrota nas urnas. O processo utilizado foi essencialmente clubístico, tratando-se o eleitorado como assistente passivo e a distância.



Os cronogramas foram distorcidos e os resultados prejudicados pelo exame acadêmico da situação. A vinda tardia de Itamar Franco ao Brasil, as dúvidas sobre sua decisão de concorrer, a excessiva cortesia a Fernando Henrique, o trabalho limitado aos núcleos convencionais, etc., contribuíram para a derrota e ajudaram a ilusão de vitória assegurada, entretanto arrebatada pelo Planalto, por todos os meios. Consequências de erros de avaliação estratégica que condicionaram a tática desenvolvida. Não se pode responsabilizar alguém individualmente, pois os erros pessoais foram a consequência de uma visão generalizada e epidêmica que subsiste. Uma candidatura presidencial tem obviamente dois objetivos gêmeos: vencer nas urnas e estabelecer uma liderança nacional capaz de subsistir a uma derrota eventual, à frente de um movimento organizado de opinião. Metas que exigem propostas objetivas e não apenas generalidades e ressentimentos justificáveis, mas insuficientes. Costuma-se dizer que os erros ensinam mais que os acertos, mas não é o que está ocorrendo.

O candidato Itamar Franco, que assumiu corajosamente o papel de permanecer na liça, viajou para os Estados Unidos, onde pretende permanecer até o fim do mês, repetindo o distanciamento anterior, o que lhe dará apenas cerca de 45 dias para ação direta em sua nova

campanha. Nesse andar de carro de bois, tenderá a generalizar-se o sentimento de que a permanência da postulação poderá ser mais honroso sacrifício do que o confronto de propostas políticas e administrativas. Assim, José Sarney parece sentir-se à vontade para não falar no assunto, Requião para proclamar apoio a Lula, antes mesmo do desfecho oficial, e Quéricia para retificar posições. Contudo, mes-

mo o sacrifício, se necessário, necessita ser mensageiro de alguma esperança, sem o que perde a justificativa maior.

Um dos traços característicos do momento é o desgaste generalizado das organizações partidárias,

nelas incluídos os componentes da frente oficialista que impôs a emenda reeleitoral. Mesmo o candidato oposicionista mais forte, Lula, mostra-se inseguro na candidatura, embora tenha sido decisivo para a não-formação de uma frente única de centro-esquerda. Nas últimas eleições, o percentual de abstenções, votos brancos e nulos, foi de 33% sobre o total do eleitorado, enquanto os nulos e brancos abrangeram quase 19% dos votantes. Sem a mobilização ativa do eleitorado, mediante propostas que ultrapassem as generalidades em uso, tais índices poderão repetir-se ou até aumentar, para alegria de FHC que namorou há tempos o fim do voto obrigatório que o favoreceria. ■

Uma candidatura presidencial tem dois objetivos: vencer e criar uma liderança nacional que resista a uma derrota eventual